

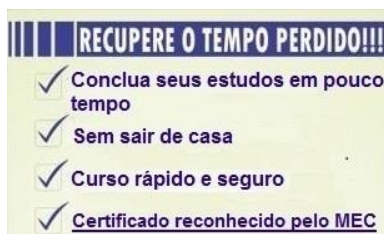
## A crítica demolidora de Michael Pettis à teoria e à política económica neoliberal



**Carta aberta aos senhores Ministros da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, e da Economia, Caldeira Cabral**

Um texto dedicado aos meus antigos alunos que tanto massacrei com fórmulas e gráficos ao longo de décadas, a todos os outros os que se interessem pelo ensino de Economia em Portugal.

### 1. Reflexão sobre as Universidades em geral e sobre o ensino de economia em particular.



Por Júlio Marques Mota, 18 de janeiro de 2018

**Dedico esta série à família de Álvaro Ramos Pereira e recordo as magistrais lições de economia dadas no seu escritório a um pequeno grupo de estudantes de que eu fazia parte.**

Uma apresentação de uma série que podia ser encarada também como um bilhete-postal ao Ministro de tutela do Ensino Superior e ao nosso Primeiro-Ministro, a propósito de que o ensino universitário está lentamente a morrer. Se isto é grave, gravíssimo, pois com isso se compromete o futuro do país, mais grave ainda é o silêncio à volta do caixão do dito defunto que se está a preparar. Operações sucessivas de cosmética, índices de avaliação para tudo, índices para as escolas, índices para os professores, assiste-se portanto a uma maquilhagem para mostrar que o morto está vivo.

Neste contexto, a gestão das Universidades tal como está a ser praticada, mais parece uma sucursal de uma agência de rating ou então do Ministério das Finanças ou ainda das duas instituições, como se queira. Se dúvidas há veja-se o despacho do Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra no tocante às remunerações dos docentes convidados, que aplicou um corte de 40 por cento, de tal forma que um professor convidado, com o grau de doutor, pouco mais ganhará, à hora, que uma mulher-a-dias, e com o risco de no final do ano entrar em situação de burn-out! Para que isso não aconteça, resta-lhe considerar os alunos pelas costas e maquilhar, maquilhar, obter bons resultados escolares, para assim poder ver o seu contrato renovado para o ano seguinte. Mas para que isso possa acontecer não pode haver muita exigência, tem de haver sucesso escolar e esse mede-se não pelo que o aluno fica a saber, que raio de ideia, mede-se pela percentagem de passagens, uma metodologia muito em

voga naquele que foi o reino da Dama de Ferro, agora a enferrujar em paz. De resto, tem que ser tudo muito simples, porque de tanta aula a dar garantidamente não há tempo para as aulas preparar. E se alguns escapam a este modelo, preparando-as a sério, deparam-se a seguir com um mundo de incompreensão e de animosidade pelo lado dos colegas por não serem imagem daqueles, mas não só, porque pelo lado dos alunos espreita a incapacidade de compreender o esforço do docente pela falta de bases dos alunos e que se alarga de ano para ano civil e de ano para ano escolar. No fim, ao professor docente espera-o a complacência na avaliação final dos alunos (exames ou provas equivalentes) ou alternativamente espera-o, no mínimo, uma má avaliação feita pelos alunos nos seus inquéritos de avaliação aos professores, inquéritos estes que entram na avaliação do rating do professor. Não há volta a dar. Adicionalmente ainda, perde muito do tempo necessário para maquilhar o seu curriculum. O cuidar do seu curriculum, a sua maquilhagem, é hoje uma necessidade vital, de sobrevivência, mesmo para um professor.

A demonstração de tudo isto é fácil de fazer. Por licenciatura e por faculdade, escolha-se de forma aleatória de entre os alunos licenciados com média entre os 11 valores e os 13, a maioria, um número  $x$  de alunos e coloquemo-los perante uma prova escrita à mão onde se avaliem os conhecimentos adquiridos na respetiva licenciatura. Obviamente tomando como referência matérias ou temas ligados a uma ou mais disciplinas obrigatórias. Uma outra forma, para cursos que não sejam de Engenharia ou afins da Faculdade de Ciências ou de Medicina, seria apresentar-lhes um texto escrito para o grande público tipo dos que são publicados no jornal Público, pelos colaboradores independentes e residentes do jornal. Tirem-se depois as devidas conclusões.

Aliás quanto às Faculdades ditas de Ciências, veja-se o relato que nos dá o Expresso sobre Medicina de Lisboa e do Porto e veja-se o que está escrito nas entrelinhas:

Faculdade de Medicina de Lisboa:

*"Identificar o que estava numa TAC ou ecografia e fazer 'diagnósticos' sobre problemas práticos — por exemplo, descrever as estruturas atingidas numa vítima de esfaqueamento na axila ou na virilha — foram as principais dificuldades dos alunos no exame, teórico e prático, feito no início do ano. As notas negativas ficaram acima dos 50% e a surpresa foi geral. "Na prova teórica chumbou mais de metade e estávamos à espera que o resultado melhorasse na avaliação prática mas foi outra desgraça", diz o responsável pela anatomia na FML.*

*Conforme a disciplina, a taxa de reprovação varia entre 5% e 15%, logo valores acima de 50% eram até agora inéditos. "Nunca tinha acontecido, pelo que foi objeto de reflexão", afirma Ivo Furtado, regente da disciplina de anatomia clínica, que correlaciona o conhecimento do corpo humano com a prática médica. O caso foi de tal forma polémico, "por ser tão anómalo, que foi constituída uma comissão de análise, dirigida pelo presidente do Conselho Pedagógico da FML", explica António Gonçalves Ferreira.*

*Como é que alunos brilhantes que querem ser médicos não conseguem correlacionar o corpo humano com a doença, precisamente o que vão ter que fazer para tratar doentes? A resposta demorou algumas semanas até ser encontrada, já este mês. Resumidamente: prova difícil e menos estudo. "A matéria foi dada com pormenor talvez excessivo, os alunos não acompanharam a disciplina nas aulas teóricas, a dificuldade das perguntas foi definida para cima, muitas perguntas e questões complexas para responder em quatro a*

*cinco minutos na avaliação prática e imagens de imagiologia dadas com pormenor apenas nas aulas teóricas”, elenca António Gonçalves Ferreira.”*

Faculdade de Medicina no Porto:

*“Desde há dois anos foram notícia por terem entrado no Ensino Superior com as classificações mais altas do país. O aluno mais 'fraco' entre os 245 caloiros da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP) ingressou com 18,67 valores de média. Este ano, a notícia é outra. Muitos acabaram por ser surpreendidos com as primeiras negativas do percurso escolar e com notas a que não estavam habituados. Em várias cadeiras, a média ficou nos 10 valores ou menos. A Morfofisiologia Integrativa e a Morfofisiologia dos Sistemas Respiratório e Urinário vários exames foram corridos a 6, 7 e 8 valores. E nestas duas unidades curriculares (são seis disciplinas ao todo no 2º semestre), as taxas de não conclusão foram de 53% e 48%, respetivamente. Nos dois anos letivos anteriores tinham ficado em torno dos 20% ou menos.”*

As notícias não nos deixam nada satisfeitos e mostram-nos inegavelmente que o silêncio é sepulcral, desde as autoridades de tutela até aos responsáveis das respetivas faculdades de Medicina. Em Lisboa o problema foi “resolvido” com revisão de provas e os resultados ajustaram-se à média histórica. Em suma, nada se degradou!

Uma outra análise, paralela à anterior mas agora pelo lado do corpo docente, o grande martirizado com toda esta política, deveria ser feita pelos representante sindicais no terreno, onde se estabeleça um mapa dos docentes admitidos depois do rebentar da crise, das suas cargas horárias, do tipo de contratos que estes se viram obrigados a aceitar, das disciplinas lecionadas,

das horas letivas impostas, da bibliografia de facto utilizada em aulas, que pode mesmo pouco ter a ver com o material de facto lecionado.

Um outro exemplo seria fazer-se uma análise séria sobre as teses de mestrado, mesmo que aqui seja difícil perceber bem o que é do aluno ou do orientador, uma vez que os conhecimentos dos alunos são muito baixos à partida e que os resultados das teses também contam para o ranking do professor. Daí necessariamente um apoio muito maior do que é convencionalmente esperado do orientador ao orientando e ainda bem que assim é. Deixar quase sozinhos alunos de 20-22 anos com fracos conhecimentos a fazerem uma tese na base apenas de orientações genéricas, quanto esta tese é o culminar da sua vida académica é encher os consultórios dos psiquiatras de gente a pedir-lhes apoio. Falem com os médicos e estes que se abram sobre as suas experiências. Deixar estes jovens sozinhos a defenderem-se da atrocidade de um sistema que se autoproclama estar a defendê-los (o discurso de proteção das gerações futuras) seria um crime mas, por outro lado, não forçar a que os jovens adquiram as ferramentas intelectuais que os defendam face ao mercado de trabalho desregulado a seu desfavor, é inaceitável. Este é um grave dilema que, penso, atravessa grande parte da classe docente. Dizemos grande parte da classe de professores, porque necessariamente muitos deles já soçobraram face a este dilema. Como? Colocando-se debaixo de um guarda-chuva protetor, uma espécie de síndrome de Estocolmo, colando-se ao sistema. Vencidos, portanto. Outros, como é o meu caso, desistiram de lutar internamente por dentro do sistema e simplesmente saíram, logo que foi possível.

Crítico, muito crítico relativamente ao corpo docente universitário? Vejamos o que nos diz Vitorino Magalhães Godinho sobre a reforma de Bolonha em

vigor e que constituiu a maior machadada sobre o ensino superior até hoje dada e, no fundo, também sobre o corpo docente que a subscreveu ativa ou silenciosamente, mas que a subscreveu:

*"Sobre o caos em que se tornou o ensino universitário abateu-se o chamado processo de Bolonha, obcecado pela uniformização, baralhando os títulos e graus, e eivado por uma pedagogia simplista. O primeiro acto de qualquer governo com um mínimo de sensatez tem de ser a revogação das abstrusas disposições desse pseudo-acordo feito à revelia de professores e investigadores, que não tiveram a coragem de o rejeitar e se sujeitaram a passar sob as forcas caudinas."*

Vd. Vitorino Magalhães Godinho, Os problemas de Portugal, os problemas da Europa, 2.ª ed., Lisboa, Edições Colibri, 2010, p. 62.

Tudo bem claro, portanto. E poder-se-ia continuar...

Estarei, de novo, a ser catastrofista, talvez, mas não o creio. Sinceramente, antes tivessem razão os que me acusam de ser catastrofista.

Vem tudo isto a propósito de uma nova série de textos sobre temas da atualidade ou para ela diretamente transpostos que vamos publicar, e que tem como título ***A crítica demolidora de Michael Pettis à teoria e à política económica neoliberal*** e como subtítulo *Sobre o que possivelmente não se ensina de economia em nenhuma Universidade em Portugal, apesar da crise.*

A coletânea de textos selecionados, são na sua maioria textos de Michael Pettis, a que se adicionam dois outros por lhes estarem estreitamente ligados, um texto de Heiner Flassbeck e um outro de Wilhelm Lautenbach

(1931). Esta série surge quando nos lembrámos de que há mais de um ano que não recebia nenhum email de Michael Pettis a enviar-me um dos seus textos de Financial Markets ou alternativamente de um sítio de assinatura paga caso em que não poderia publicá-los no blog A Viagem dos Argonautas. Resolvemos então pesquisar na Internet e deparámo-nos com uma série de textos recentes de Michael Pettis e com uma sua explicação quanto ao seu blog ficar abrigado em Carnegie Endowment. O seu sítio na China teve graves problemas, por isso se aloja no sítio de Carnegie.

Vejamos o que ele escreveu sobre o seu blog na China, em fevereiro de 2017:

*"Nota: Numa entrada de blog há dois meses, eu escrevi que por causa de uma gestão bastante pobre do meu blog, alguns textos parecem ter desaparecido. Felizmente para mim, vários outros sites reproduzem muitos dos meus textos pelo que tive que olhar para eles e lembrar-me dos títulos e, assim, tenho sido capaz de os encontrar em geral. De vez em quando, se eu acho que eles ainda podem ser úteis, vou voltar a publicá-los aqui no site Carnegie com um pouco mais de cuidados editoriais para se corrigirem erros de digitação, esclarecer um pouco mais alguns pontos e adicionar ligações com outros textos. A primeira entrada de blog para receber este tratamento foi colocada em 28 de fevereiro de 2017".*

Estando no site de Carnegie Endowment vimos o texto sobre o conselheiro económico de Trump intitulado *Estará Peter Navarro errado sobre o comércio internacional?* e traduzimo-lo para publicação em A Viagem dos Argonautas.

A importância deste texto de Michael Pettis, que toma como objeto a política delineada pelo conselheiro chefe de Trump para os assuntos económicos, Peter Navarro, levou-me a ler todos os outros textos de Pettis que ainda não



conhecia e publicados desde há cerca de dois anos. Uma leitura que me entusiasmou e de tal modo que me senti obrigado a produzir esta série e, no fundo, por duas ordens de razão, uma de ordem geral, outra de ordem mais pessoal, mas ligada também ela aos temas tratados na série.

Quanto à primeira razão:

- Trata-se de material que penso não está a ser ensinado em qualquer Universidade em Portugal ou mesmo em qualquer Universidade na Europa ao nível da licenciatura ou mesmo de mestrado, não só enquanto textos, mas sobretudo enquanto temáticas, enquanto método de análise. Não o creio. Aliás Flassbeck, num raciocínio análogo diz-nos que se perguntarmos a um estudante saído agora de uma Universidade alemã quem foi Lautenbach ou Stutzel dirão que desconhecem. Mais precisamente diz-nos este autor alemão:

*"Hoje dificilmente se encontra um diplomado de uma universidade na Alemanha que conheça os nomes de Lautenbach e Stützel ou que deles tenha ouvido falar e que esteja a par do papel central em toda a macroeconomia desempenhado pela relação entre poupança e investimento."*

Lá, na Alemanha, como cá, em Portugal ou algures, na Europa, tudo igual. Ora com Michael Pettis aconteceria a mesma coisa: dir-nos-iam que se trata, no melhor dos casos, de um ilustre desconhecido. Mas hoje poderíamos dizer o mesmo de Joan Robinson, de Harrod, de Domar, de Kalecky, de Sraffa, tudo gente que foi varrida do ensino nas Universidades e dos manuais neles utilizados pelos ventos do neoliberalismo. Em Portugal, veja-se, por exemplo, o programa da Universidade Nova de Lisboa, a faculdade da elite lisboeta, ao nível da licenciatura em Economia e mesmo de mestrado, veja-se aí o peso que

os autores citados têm nos seus programas. ou mesmo o tipo de questões que este autores abordaram. Possivelmente nada.

Da vaga de neoliberalismo e dos mecanismos postos em prática com que se que assaltou o ensino superior desde há alguns anos e da política da União Europeia poderíamos dizer, sem exagerar, que nos deixaram teoricamente o vazio, o discurso económico de um mundo irreal. E o resto é puro exoterismo envolto em matemática.

Ao ler os textos de Michael Pettis perguntamo-nos se muito do que tem acontecido desde 2010 não será devido às políticas erradas praticadas desde então, sobretudo às políticas impostas mas sempre suportadas por ministros das finanças, por muitos economistas de renome pertencentes a diversos think tanks, por economistas das grandes organizações como a OCDE, FMI, BCE e por muitas outras. Tendo estas políticas sido suportadas por análises sem fim feitas por economistas que tomam como base ou estão assentes em economias irreais, em modelos irreais, em hipóteses não menos irreais, que deram os multiplicadores da despesa negativos ou entre zero e 0,5, é a eles que Michael Pettis aponta o dedo acusador. Na coleção de textos agora reunidos são inúmeras as referências à incompetência dos economistas que tem estado na base das políticas seguidas. Di-lo delicadamente Michael Pettis, mas com toda a franqueza. Simplesmente quanto a estes economistas referidos como importantes em termos de capacidade para influenciar as decisões e como ignorantes em termos de conhecimentos dos mecanismos reais da economia, temos dois tipos: os economistas sérios e os economistas não sérios. Estes últimos, são homens gananciosos, dispostos a tudo desde que coloquem as suas contas bancárias bem abrigadas, bem recheadas. Quanto a estes pouco há a dizer a não ser que se trata de gente que quer rapidamente subir alto na vida ou para aí se manter, vendendo para isso a sua

alma a quem mais der. Entre muitos episódios, basta ver o caso Espírito Santo. Sobre estes não vale a pena gastar mais latim. Quanto ao primeiro grupo, de gente séria mas ignorando por completo os mecanismos efetivos da economia devido ao enviesamento ideológico da sua formação de base enquanto jovens e por deformação de ensino que tiveram e do ensino que fazem ou fizeram, podemos dividi-los em dois grupos:

- aqueles que se aperceberam a seguir dos erros de política económica e social que estava a ser imposta a povos indefesos, e mudaram de posição, passando a fazer parte do grupo dos que contestam as políticas de austeridade. Neste caso, do meu ponto de vista, um dos casos mais exemplares e de louvar, é a postura intelectual de Adair Turner, Presidente de Autoridade para os mercados financeiros, na Inglaterra. O mesmo se pode dizer também dos economistas chefes de Finance Watch, hoje relevantes críticos do sistema financeiro e sem podermos deixar de referir um outro exemplo de referência mundial: Martin Wolf, à frente do Financial Times.

Não me parece excessivo poder colocar neste grupo nomes como Erkki Liikanen, governador do Banco central da Finlândia, Presidente da Comissão ad hoc e autor do relatório Erkki Liikanen que franceses, alemães e italianos contornaram com as suas reformas dos respetivos sistemas financeiros, como Micher Banier, ex-Comissário europeu para o mercado interno, John Vickers, responsável principal pelo relatório The Independent Commission on Banking, Final Report Recommendations que objetivamente constituiu o projeto oficial de reforma do sistema bancário na Europa mais avançado mas que, chegada a data da sua aplicação, dele restará, talvez, apenas a sua sombra;

- aqueles que igualmente ignorantes quanto aos mecanismos descritos tão rigorosa e magistralmente explicados por Michael Pettis nesta série de textos, que se aperceberam de que as políticas por eles preconizadas estavam

erradas mas que se submeteram à logica das instituições que dirigiam, lógica esta que passaram a defender. Diria que estes por uma razão de prestígio e/ou de cargos ocupados, se recusaram, depois da crise rebentar, a assumir o erro das politicas aconselhadas, e daí provém todo o delírio em termos de economia com o qual se justificaram as medidas até agora utilizadas, o que também se pode traduzir, finalmente, por comportamentos de má-fé perante as devastações sociais e económicas constatadas. Neste grupo, colocaria Vitor Constâncio, a partir do seu discurso na Grécia onde arrasava a construção europeia mas defendia que se devia continuar no mesmo rumo para não se perderem os resultados já alcançados (isto dito em Atenas!), Olivier Blanchard, ex-economista chefe do FMI, o homem do engano dos multiplicadores de baixo valor a justificar "cientificamente" as políticas de austeridade e que disso pede desculpa ao mundo, mas afirmando ao mesmo tempo que as coisas poderiam continuar como estavam pois havia muitas mais variáveis em jogo que as utilizadas pelos multiplicadores (estou a sintetizar), o nosso Vítor Gaspar, bem recompensado indo para o FMI ou o nosso super-ministro Álvaro Santos Pereira, contra quem os trabalhadores na Covilhã se atravessaram empunhado bandeiras negras. E bem premiado foi, tendo ido para um grupo de pressão que dá pelo nome de OCDE. Quanto a Mário Draghi, este é o homem que se diz fazer tudo o possível para salvar o euro, mas matando-o lentamente uma vez que esteve sempre disposto a socorrer as economias em dificuldade desde que aceitassem a Condicionalidade imposta pelos Memoranduns de Entendimento impostos, seja explicitamente como é o caso de Portugal, Irlanda, Grécia de Tsipras pós Setembro de 2015, seja implicitamente como é o caso da França de Hollande e Macron, da Itália de Renzi e da Espanha de Rajoy, tanto podendo fazer parte deste grupo como daqueles que nunca tiveram nenhuma boa intenção, senão servir-se a si e aos seus, a acreditar nas interpelações que foram feitas no Senado Italiano pelo

senador Elio Lannuti, presidente da ADUSBEP, ao ministro das Finanças exatamente sobre a moral, ou ausência dela, do político e financeiro Mario Draghi.

Por fim, há também um pequeno grupo de elite, como Schauble, Jens Weidmann Ohli Rehn, gente que defende o que defende não digo por ignorância mas por uma noção de punição, de punição. Crime e Castigo dos tempos modernos, poderíamos nós dizer, defendendo o que defenderam na base da sua argumentação (é um espanto a entrevista de Weidmann dada ao New York Times) como uma ação deliberada para que as economias funcionassem ao serviço das classes dominantes, e para isso aproveitam o imaginário coletivo das cigarras e das formigas. Premeiem-se as formigas (os nórdicos) punam -se as cigarras, os países do Sul. Curiosamente é com prazer que se leem na série de textos as referências de Pettis sobre as cigarras e as formigas. Exemplar, a argumentação de Pettis.

Um excerto do seu livro *The Great Rebalancing: Trade, Conflict, and the Perilous Road Ahead for the World Economy*, edição de Princeton University Press, mostra-nos à evidência o campo de análise de Michael Pettis. Desse livro, um pequeno excerto:

*"Mesmo numa economia global bem gerida, com poucas distorções e sistemas financeiros flexíveis, é provável que haja sempre países com excedentes da sua balança corrente e com défices, na verdade, vale a pena repetir que os excedentes e os défices persistentes e muito grandes são quase sempre o resultado de políticas distorcidas num ou mais países.*

*Há muitas maneiras pelas quais essas distorções podem ocorrer. É fácil pensar nas tarifas comerciais e na manipulação monetária como formas de intervenções comerciais, mas argumento nos capítulos 2 e 3 do livro que,*

*embora certamente provoquem distorções no comércio, não o fazem pelas razões que geralmente presumimos. O seu impacto no comércio não é gerado diretamente através de alterações de preços relativos, mas sim indiretamente, alterando a relação entre o consumo e o PIB.*

*Ao entender como e porque é que realmente se provocam distorções comerciais, podemos entender mais genericamente como uma série de políticas industriais, fiscais e financeiras que parecem não relacionados com o comércio pode, de facto, causar significativas distorções comerciais. Veremos também como essas distorções têm a sua contraparte na fragilidade das contas nacionais que se constroem em torno dessas distorções.*

*A segunda grande área de confusão e de pensamento baralhado tem a ver com a relação entre a balança comercial, a taxa de poupança e os fluxos de capitais internacionais. Estas três componentes estão ligadas, é claro, mas a forma como eles estão ligados é mais complexa e subtil do que a maioria dos analistas reconhecem. As políticas que afetam os saldos das balanças comerciais geralmente fazem-no, afetando as taxas de poupança e de investimento, tanto internamente como no exterior, e as mudanças nas taxas de poupança e de investimento afetam automaticamente os fluxos de capitais.*

*É importante compreender essas relações, a fim de compreender como as políticas praticadas num país podem forçar mudanças correspondentes num outro país, e é importante entender que a taxa de poupança não é uma variável independente que pode ser alterada à vontade, ou com certas exortações moralistas [o autor refere-se à distinção moralista entre países formigas e países cigarras]. Se é esta que taxa deve ser alterada de forma ordenada e correta, isso pode ser feito através de mudanças nas políticas subjacentes, tanto internamente como no exterior e que levaram a taxas de poupança excessivamente elevadas ou baixas em diferentes países. Caso contrário, a*

*taxa de poupança vai finalmente ajustar-se de qualquer maneira, mas vai fazê-lo de uma forma desordenada, com ruturas abruptas para o comércio internacional."*

Os textos de Michael Pettis dirigem-se pois a um público interessado na resolução dos problemas da crise, a um público interessado em perceber o que está por detrás de todos aqueles que têm defendido e ou praticado as políticas que desde 2010 têm sido altamente lesivas para toda a Europa, destinam-se a todos aqueles eleitores que querem estar esclarecidos quando chegar o tempo das urnas de voto, o tempo das decisões, o tempo, isso sim, da rejeição da manipulação, da mentira, da corrupção financeira e política, o tempo de se revigorar a Democracia.

Os textos de Michael Pettis não se destinam pois a todo e qualquer daqueles economistas ou mesmo políticos que estão de má-fé perante as respostas a dar à crise, não são pois destinados aos economistas que fizeram uma passagem da posição de boa-fé para uma posição de má-fé, de oportunismo, não são destinados àqueles que defendem as políticas económicas e sociais ao serviço das classes dominantes, o que até aqui têm feito e acompanhado com uma enorme capacidade de manipulação para colocar a crise como um instrumento de reforço do grande capital industrial e, sobretudo, do capital financeiro, visando e com que eficácia, a destruição do estado Providência, um objetivo desde há muito desejado e que as condições objetivas de agora, pela alianças ideológicas constituídas, poderia passar de desejo a realidade. Todos os meios possíveis têm sido utilizados nesse objetivo. A prova evidente disto mesmo vê-se nas políticas assumidas pela Troika, pela Comissão Europeia, pelo BCE, pelo FMI: os responsáveis da crise são as suas vítimas, é preciso puni-los e ei-los que se atiram ferozmente a destruir tudo o que eram

regalias sociais longa e duramente conquistadas, e nessa destruição até os mortos não escaparam, indo-se aos cortes das reformas das suas viúvas ou dos seus viúvos. A voragem nessa destruição de direitos adquiridos foi de tal forma violenta que tudo o que era Código do Trabalho foi seriamente danificado! Vejam-se o caso francês, com Macron, a sua lei El Khomri e a reversão na hierarquia das leis do Trabalho, o caso inglês com os contratos Zero horas, veja-se o caso italiano com Jobs Act com contratos de 6 meses renováveis por mais 5 vezes e podendo terminar pelo despedimento no último dia do sexto contrato e sem justa causa. No caso português, o exemplo que hoje se nos apresenta a propósito do pessoal das cantinas das escolas em Portugal, é outro exemplo dessa instabilidade criada como mecanismo de pressão. A precariedade assume aqui, hoje, mais força do que o sistema repressivo no tempo de Salazar, no que diz respeito ao mundo do Trabalho, não o esqueçamos. E lamentavelmente não vemos no governo Costa a vontade de reverter a política da Troika no que se refere ao mundo do trabalho, ao mundo das Condições de Trabalho e das Relações Contratuais. Disso não fala o ministro Vieira da Silva. O silêncio é demasiado ruidoso para ficarmos calados.

É também neste sentido que se inscreve a destruição do ensino superior não só em Portugal mas por toda a Europa. Falámos acima das relações de trabalho nas Universidades. Estas inscrevem-se na mesma lógica do que acabamos de escrever nos parágrafos anteriores. E com a crise, os cortes abateram-se sobre as Universidades, e com estes abateu-se sobre elas um enorme manto de precariedade, daí a nossa leitura acima descrita quanto aos resultados obtidos. Mas não há maquilhagem que valha. E isto tem sido assim em Portugal como em qualquer outro sítio na Europa. Um exemplo disso mesmo vem-nos da Finlândia, dos homens que mais defenderam a austeridade:



*"Com 6,7 mil milhões de euros em 2015, o orçamento do Ministério finlandês da Educação e da Cultura é um dos mais elevados, depois dos da saúde e assuntos sociais ou financeiros. A gestão da Universidade de Helsínquia, cujo orçamento será reduzido em 15% até 2020, está "chocada" pelos anúncios do governo em reduzir os gastos nessa área. "No total, o governo planeia economizar 400 milhões de euros até 2020, reduzindo o financiamento público nas 14 universidades do país", disse Esa Hämäläinen, diretora de administração da Universidade de Helsínquia. O diretor administrativo da maior universidade do país fez os seus cálculos: "Os cortes orçamentais devem começar no próximo ano e a repartirem-se por cinco anos, em 2016 já devemos perder 25 milhões de euros. No total, até 2020 teremos de operar com menos 106 milhões de euros de financiamento público. "*

*Os detalhes dos cortes devem ser anunciado em Setembro pelo governo. "Esperamos que venha a mudar de ideia até então", diz Hämäläinen. 106 milhões de euros equivalem ao salário anual de 1.700 empregados ou ao aluguer de todos os nossos 100 edifícios. Para a gestão da escola, essas reformas podem prejudicar gravemente a reputação da universidade, 73º no ranking de Xangai: "Não podemos fazer tais cortes sem que isso tenha um impacto negativo sobre a qualidade do ensino. "*

Aliás a Europa deixou de inscrever nos seus projetos de futuro o que estipulava em março de 2000 no Conselho Europeu de Lisboa, no que toca às Universidades e do seu potencial papel na construção europeia em que a União Europeia pretendia:

*"... tornar-se numa economia baseada no conhecimento, mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e com maior coesão social"*

Diremos, *E a crise tudo levou!* O que ficou é o espetáculo visível ou invisível de que acima falo, um mundo irreal, representado, codificado por modelos e modelos cada vez mais sofisticados, cada vez mais irreais em que, ao que parece, até o Vitor Constâncio já gosta bem deles. Face ao que a crise nos legou, o que esta nos deixou foi o vazio intelectual, e a máquina de propaganda oficial garante-nos que estamos no melhor dos mundos possíveis e de acordo com as circunstâncias, em suma, garantindo-nos que estamos no mundo de Pangloss.

É contra esta universo pseudocientífico que reina nas Universidades que se posiciona Michael Pettis quando nos diz:

*"Há tanto mal-entendido sobre a hipótese da sobreabundância de poupança [o excesso da poupança desejada relativamente ao investimento] que grande parte do debate económico tem roçado o absurdo. A menos que se desencadeie um impulso verdadeiramente heróico no investimento - produtivo ou não produtivo, embora este último só possa ser temporário - um excedente de poupança desejada deve ser sempre acompanhado por um excesso de consumo em outros lugares, por uma dívida crescente ou por um aumento no desemprego. Nenhuma outra opção é possível. É por isso que os excedentes de poupança desejada sobre investimento raramente resultam em poupanças globais mais elevadas.*

*É também por isso que qualquer discussão séria sobre o excedente da poupança desejada relativamente ao investimento deve abster-se de lições de moral e deve concentrar-se no sentido de causalidade. Será que as distorções que criaram um excesso de poupança forçam a criação de um excesso de consumo ou forçam a que se verifique um aumento do desemprego, ou será que as distorções que criaram um excesso de consumo forçam a criação de um excesso de poupança? Mais especificamente, foram os*

*aumentos repentinos de poupança na China e na Alemanha que levaram ao disparar repentino do consumo nos Estados Unidos e na Europa periférica, ou foi o disparar repentino do consumo nos Estados Unidos e na Europa periférica que provocaram o disparar repentino da poupança na China e na Alemanha?*

*Ao invés de simplesmente assumir um ou outro sentido da causalidade com base em modelos possivelmente obsoletos, nós devemos examinar as condições de cada uma das vias da causalidade, incluindo, obviamente, se estão associadas com a subida ou descida das taxas de juros reais. Qualquer análise que não reconheça que ambas as causalidades devem ocorrer simultaneamente, e por isso devem evoluir simultaneamente, não pode possivelmente estar correta."*

Se alguém falar desta preocupação ao ministro da tutela e ao primeiro-Ministro faria, penso eu, um bom serviço à Universidade e ao país.

Quando à segunda razão mais pessoal, grande parte dos economistas de relevo acima citados eram um pouco o pão nosso de cada dia nos anos 70. Nem sempre de uma forma linear, é certo, mas as verdades do capitalismo eram postas abertamente em questão. Um exemplo disso, o movimento estudantil no ISCEF no meu tempo de estudante, os seus cursos livres, a reação à substituição do Prof. Francisco Pereira de Moura, depois do caso da Capela do Rato, a revista de economia dos estudantes do ISCEF à frente da qual estava o Augusto Mateus, etc.

No caso desta série de textos em presença dedico-a à família Ramos Pereira relembrando um dos professores para mim mais importantes que tive no ISCEF, Álvaro Ramos Pereira, alto quadro do Banco de Portugal e professor de Moeda, e aqui pela simples razão que vários dos temas tratados na série

foram-nos por ele explicados não nas aulas mas em sua casa, em várias noites, no ano de 71 ou de 72. Vista à luz de agora, tratava-se de uma situação estranha: um conjunto de estudantes estavam preocupados em saber Teoria Monetária, Balança de Pagamentos e sobretudo gostavam de perceber as ligações entre várias das suas rúbricas entre si, da balança de pagamentos, e com o crescimento da economia real. Uma situação hoje impossível de se verificar, penso eu, o que deve sobretudo às características pessoais e científicas de Álvário Ramos Pereira e ao "espírito" da época, pós maio 68. Por aqui passavam também questões ligadas à moeda e à igualdade  $I=S$  e a uma outra equivalente a esta mas em economia aberta  $X-M=S-I$ . A estes estudantes respondeu o Professor Álvaro Ramos Pereira convidando-nos para discutir temas como os agora citados. Foi assim que pela parte que me toca, e alguns mais do grupo, fui parar a autores como Bernard Schmidt e o seu livro, *Salaires, Monnaie e Profits*, a Thomas Balogh, *Partenaires inégaux dans l'échange international*, a Robert Triffin e as suas análises sobre o sistema monetário internacional. Tudo isto sobre temas que hoje ou não se lecionam ou lecionam-se pela rama, com a rapidez de um gato a passar sobre brasas.

Desses tempos recordo ainda o ar sempre bonacheirão de Ramos Pereira, a sua argúcia, a sua cultura quer geral quer no campo da economia e da banca, a sua capacidade de nos motivar, recordo também a sua capacidade em passar da teoria à prática, assim como do percurso inverso. Em tempo de recordações, e este é já o meu tempo, não deixo de me lembrar do sorriso sempre fraterno da sua mulher, a D<sup>ª</sup> Lisete, ou ainda de cada uma das suas duas filhas de que me lembro apenas da Isabel quando uma ou outra nos abria a porta e nos levava para o escritório.

E algumas das coisas, não todas, que naquele tempo e naquele escritório da Praceta Paiva Couceiro, nos eram explicadas, mesmo que ditas de forma

diferente, conceptualmente não estarão muito longe daquilo que nos falamos alguns dos textos de Michael Pettis, hoje. Por isso, é com alguma emoção que organizei esta série de textos e é com grande estima que relembro igualmente aqueles "malucos" que iam comigo à Paiva Couceiro, à casa do Professor Ramos Pereira, porque queriam aprofundar o que sabiam de economia.

Coimbra, 18 de janeiro de 2018